

O PODER DE UMA DECISÃO

**NINGUÉM PARA UMA PESSOA
DECIDIDA A MUDAR!**

CAMPINAS
2023

DANIEL CAVALARI

“

DEUS NÃO PRETENDE
QUE O CONHECIMENTO
SEJA UM FIM EM SI
MESMO, MAS SIM QUE
SEJA UM MEIO PARA SE
ALCANÇAR ALGUM FIM.”

JOHN STOTT

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	9
Dedicatória	11
Apresentação.....	13
Prefácio	15
Introdução	17

Parte 1

1. O início de tudo	21
2. Escolhas erradas	33
3. Um abismo chama outro abismo	43

Parte 2

4. Uma luz no fim do túnel	49
5. Um novo começo	61
6. Suba um degrau de cada vez	69

Parte 3

7. O poder de uma decisão.....	79
A. Decida perdoar	81
B. Decida se auto perdoar.....	87
C. Decida avançar	93
D. Escreva uma nova história	96
8. “Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje”	99
A. Persista e não desista.....	103
B. A decisão final é sempre sua	106

Conclusão	111
-----------------	-----

APRESENTAÇÃO

Não gosto da palavra “orgulho” pelo que ela representa etimologicamente, prefiro entendê-la como aquela que expressa um sentimento, que encheu meu coração de alegria, satisfação e gratidão a Deus pelo que ele fez e fará na vida do Dani.

Dani, é assim que o chamo; e ele, carinhosamente, me chama de mãe preta, prerrogativa permitida apenas a ele.

Em 2004, o conheci no MEAME (Ministério de menores encarcerados da Fundação Casa). Ele foi meu líder e já mostrava sua grande habilidade de liderança. Sempre tinha uma palavra de encorajamento aos adolescentes e aos colegas de equipe; e na pregação, um entusiasta.

Na manhã desse dia, fui surpreendida com uma mensagem do Dani, na qual ele contou sobre a publicação de seu livro. Generosamente, ele me convidou para escrever algumas palavras na apresentação de sua obra.

Estas páginas possuem uma escrita singela, envolvente e agradável, pela simplicidade da narrativa repleta de verdades, gratidão, perdão e arrependimento. Um testemunho de esperança que traz a certeza da decisão do caminho novo com Jesus.

Muitos leitores se identificarão com essa história, outros nem tanto, mas terão a chance de refletir e encontrar apoio nestas palavras para obter força e abdicar do caminho sem Deus.

Ler esta obra é sentir um pouco as “dores e delícias” da decisão de seguir Jesus, principalmente para alguém que precisa retroceder na caminhada da liberdade absoluta por uma liberdade condicionada à vontade de Deus.

Espero que este livro seja um estímulo para aqueles que ainda estão incrédulos sobre o que Deus pode fazer em sua vida. Recomendo a todos que desejam mudar a trajetória e/ou ser fortalecido na caminhada.

Maria Solange Pereira Ribeiro

Bibliotecária, doutora em educação (USP)

INTRODUÇÃO

*“De nada adianta o entusiasmo sem conhecimento; a pressa resulta em escolhas erradas”
(Provérbios 19.2).*

A vida é feita de escolhas. Desde as mais simples até as mais complexas, cada decisão que tomamos pode ter um impacto significativo em nosso futuro. Às vezes, é difícil saber qual caminho seguir, e uma escolha aparentemente pequena pode levar a consequências imprevisíveis.

Neste livro, compartilho a história da minha vida para ilustrar o impacto que as escolhas podem ter. Mostrarei como as escolhas erradas me levaram a um caminho de autodestruição, enquanto as certas me levaram a uma vida plena e satisfatória.

Ao longo destas páginas, convido o leitor a uma jornada emocionante, repleta de altos e baixos, triunfos

e fracassos. Independentemente do quão difícil seja a situação, sempre temos o poder de escolher o nosso próprio caminho.

Eu cresci em uma família humilde e tive que enfrentar muitos desafios desde cedo. Sempre vi minha mãe trabalhar duro para sustentar a família e aprendi desde cedo o valor do trabalho árduo. No entanto, eu também vi muitas pessoas ao meu redor tomarem decisões erradas e enfrentarem as dolorosas consequências.

Na adolescência, comecei a me envolver com más companhias e a experimentar substâncias ilícitas. Afastei-me da família, dos amigos, e mergulhei em um mundo de autodestruição. Vivi assim durante anos, até que um dia percebi que precisava viver uma mudança.

Foi então que conheci a mulher da minha vida e tomei a decisão mais importante da minha trajetória: mudar meu destino e buscar uma vida melhor. Afastei-me de todas as companhias que só me faziam continuar naquela vida, comecei a frequentar uma igreja e me dediquei a estudar e trabalhar duro. Com o passar do tempo, consegui construir uma carreira de sucesso. Tudo sempre com a direção de Deus.

Que *O poder de uma decisão* seja uma fonte de inspiração para todos aqueles que buscam viver uma vida plena e satisfatória.

Sendo assim, quero convidar você, leitor, a se inspirar no meu testemunho de vida. Mesmo que tudo à sua volta pareça estar perdido e sem rumo, uma decisão acertada pode fazê-lo voltar para os trilhos da esperança.

Boa leitura!

PARTE 1

1

O INÍCIO DE TUDO

“

TEMOS A LIBERDADE DE
FAZER NOSSAS ESCOLHAS,
MAS NEM SEMPRE
PODEMOS ESCOLHER
AS CONSEQUÊNCIAS
QUE CADA UMA DELAS
PRODUZIRÁ.”

Nasci em uma família de classe média baixa, sem muitas posses, porém, muito digna. Não éramos religiosos, mas tínhamos princípios que norteavam nossa caminhada. Infelizmente, meu pai foi embora de casa de maneira precoce, eu tinha apenas 1 ano de idade e minha irmã 3. Fomos morar com nossos avós maternos, que sempre cuidaram de nós com muito amor e carinho e, na medida do possível, procuraram nos dar todo conforto e segurança que necessitávamos. Éramos felizes, mas sempre faltava algo. Acredito que o sonho de toda criança é ter uma família completa e feliz. Não nos faltava amor, não posso negar, mas por conta da separação dos meus pais, tivemos de enfrentar grandes desafios, principalmente crescer em um lar sem a figura paterna. Meu avô Álvaro assumiu a responsabilidade de nos criar e educar, e ele fez tudo o que estava ao seu alcance.

Sua maneira de educar era bem rígida, por vezes, até grosseira, mas acredito que isso era como uma arma de defesa que ele usava para nos blindar dos problemas que foram gerados na separação. Na verdade, hoje eu entendo perfeitamente o posicionamento dele. Não é fácil entregar sua filha no altar ao marido e vê-la voltar para a casa dos pais com dois filhos pequenos, uma mão na frente e outra atrás. Nenhum pai deseja isso para seus filhos. Isso trouxe sérias consequências, pois, dali em diante, minha irmã e eu fomos impedidos de ver nosso pai e proibidos de ter qualquer contato

até mesmo com nossa avó Naide, mãe do meu pai. Eu tenho alguns *flashes* em minha mente de que, algumas vezes, ela nos visitava e levava presentes, mas só podíamos vê-la através da janelinha da porta.

Ela geralmente deixava os presentes do lado de dentro do portão para pegarmos apenas quando ela fosse embora. Em uma vaga lembrança, eu me recordo de um dia em que ela se escondeu atrás de um carro para nos ver mais de perto, e quando saímos, olhamos para o lado e ali estava ela. Ao nos ver, ela chorava e acenava, mandando beijos com um tchau... Aquela cena ficou marcada na minha memória. Era triste, mas, como éramos crianças pequenas, não tínhamos entendimento do porquê as coisas eram tratadas daquela forma, mas tudo bem... hoje, como eu disse, entendo perfeitamente.

Meus pais se casaram muito novos, eram imaturos. Depois de tudo o que havia acontecido, meu avô colocou restrições muito rígidas para que meu pai não pudesse nos visitar, e, em vez de ele buscar meios de tentar resolver o problema, ou até mesmo tentar reatar o casamento para reconstruir sua família, ele decidiu virar as costas para nós e constituir nova família. Ele nos abandonou de vez, sem se importar se precisávamos de alguma coisa, se tínhamos roupas ou alimentos. Foi mais fácil fugir da responsabilidade do que assumir seus problemas. Ele poderia ter buscado seus direitos na justiça, mas preferiu seguir sua vida e nos abandonar. Foi uma grande covardia.

Assim crescemos... longe do nosso pai, sem poder ver meus tios e avós paternos e, o pior, presos ao sentimento de rejeição, abandono e desprezo, pois era isso que minha irmã e eu ouvíamos frequentemente. Todas as vezes que acontecia uma discussão dentro de casa, meu avô dizia à minha mãe: “Vocês são sustentados por mim; eu que pago as contas; coloco comida na mesa; compro roupas; dou remédio”; “Seu marido largou você com dois filhos, quem manda aqui sou eu”; “Ele abandonou você e não liga para os filhos”.

Lembro-me de morar num sobrado, na Vila Arican-duva – Metrô Penha/SP. Minha irmã e eu ficávamos na escada escutando todas as brigas, afrontas e humilhações. Nós nos sentíamos culpados, como se fôssemos um peso para eles. Mas minha mãe não tinha o que fazer, era aceitar e trabalhar para tentar reverter aquela situação. Independentemente das dificuldades, meu avô amava a sua família e lutava por ela. Fazia tudo o que estava ao seu alcance para proporcionar tudo do bom e do melhor para nós. Com certeza, suas qualidades superaram e muito os seus defeitos que, por sinal, todos temos.

Não culpo meu avô por nada do que ele fez e nem a maneira que nos criou, afinal, ele foi um verdadeiro pai e nosso mantenedor durante doze longos anos. Sou grato a Deus pela vida dele. Infelizmente ele já não está mais entre nós, mas honro e admiro sua vida por tudo o que fez. Poderia ser rígido na sua postura e na forma de educar, mas nunca nos deixou faltar nada.

O tempo foi passando e fui crescendo dentro daquele ambiente hostil, vendo o sofrimento da minha mãe e o desejo dela de sair daquela casa, mas sua condição e as palavras que vinham por parte do meu avô não ajudavam muito: “Você é incapaz; você não vai conseguir se sustentar, vai passar fome...”. Vindo de um pai é lamentável, não é? Pois bem, isso era tudo o que ela e cada um de nós ouvimos por anos.

Cresci como uma criança muito rebelde e, quando comecei a entender o porquê de muitas coisas, eu me revoltava cada vez mais. Eu via nos olhos da minha mãe que ela não era uma pessoa feliz e realizada. Ela até teve algumas oportunidades conhecendo pessoas que queriam ajudá-la, poderia ter tido um novo relacionamento e constituir uma nova família, mas ela se anulou completamente e decidiu viver para os filhos.

Na adolescência, fiz algumas amizades que não acrescentavam coisas boas em minha vida. E a partir dali a minha história começou a ser transformada, mas ao invés de ser uma transformação que traria benefícios e resgataria coisas que eu havia perdido ao longo da infância, eu decidi fazer da pior maneira. Por revolta e rebeldia, comecei a confrontar meu avô em cada uma de suas atitudes e, a partir dali, um problema sem precedentes foi gerado dentro da nossa casa. Lembro-me de uma vez que o confrontei e ele me colocou para dormir na rua. Murchei os quatro pneus

do carro dele, que estava na rua e em uma descida. Ele queria me matar e eu pensei: “Hoje eu estou morto”. Mas, mesmo assim, decidi não me calar mais diante de tudo o que via e ouvia. Certa noite, eu me lembro da cena em que minha mãe estava pendurada na janela, tentando convencê-lo a me deixar entrar em casa... que situação. Então, depois daquele dia, ela decidiu alugar uma casa de fundos e sair da casa do meu avô.

Eu cresci com uma revolta que me consumia. Era como se eu tomasse veneno esperando que meu pai ou meu avô morressem, mas quem estava morrendo era eu. Todas as vezes que eu via uma família completa eu fechava a cara, e ali estava o erro; eu tinha essa família, mas não a valorizava. Não conseguia entender que meu avô era o pai que eu precisava naquele momento. A frase conhecida era uma verdade que eu não compreendia: “Pai não é quem faz, é quem cria”. Eu só olhava para os defeitos dele, nunca para as qualidades. Eu culpava meu pai por ter sido criado por meu avô, culpava minha mãe por ter se separado do meu pai, culpava Deus e o mundo por causa desse distanciamento. Eu estava com uma ferida aberta e dali para frente tentei curá-la com tratamentos paliativos, altamente prejudiciais à minha saúde, que me prejudicaram sobremaneira. Em vez de me ajudar a sarar as feridas abertas, adoeci e me tornei dependente dessa fórmula que eu chamo hoje de “Fórmula da Morte”:
AS SUBSTÂNCIAS ILÍCITAS!

Foi então que nos mudamos para o bairro de São Mateus, na zona leste de São Paulo. Uma região muito perigosa, com altos índices de criminalidade. Eu morava em frente a uma escola, mas não queria voltar a estudar, em vez disso, ficava na porta da escola, na entrada e na saída dos alunos, e lá fui fazendo amizades. O ambiente não era dos melhores e comecei a viver outra realidade de vida, ou melhor, era literalmente outro mundo que eu não conhecia. Sempre estudei em escola pública, mas nunca tinha visto de perto a vida na periferia. Geralmente, a gente vê em filmes, séries e conhecemos a realidade a distância mais pelos programas de TV.

Veja bem, entenda que não é o ambiente que nos faz, mas sim como nos comportamos diante dele. Conheço muitas pessoas que moram na periferia que são estudantes e trabalhadoras... pessoas humildes e honestas. A maioria está ali por não ter escolha ou melhores oportunidades... isso não quer dizer que não têm valor ou que é tudo “farinha do mesmo saco”, não! Muitas delas escolhem superar as dificuldades e ter uma vida diferente da sua realidade atual. Estudam, conseguem um diploma e uma carreira de sucesso e vencem na vida. Outras já decidem trilhar o caminho do crime.

Eu me deixei influenciar por amizades e fiz escolhas que me levaram ao sofrimento, que deixaram marcas indeléveis em minha vida. E ali estava eu, liberto

daquele jugo opressor. Agora, sem aquele sistema restritivo da casa do meu avô, eu estava livre para decidir o que fazer da minha vida. Acho que tudo o que eu queria ter feito e não podia descontei quando nos mudamos. Minha fuga não foi na pessoa certa nem no lugar certo, foi da pior maneira que você possa imaginar: no mundo do crime e das substâncias ilícitas. Eu cabulava aula para ficar no bar jogando fliperama. Frequentava quase a semana inteira bares, onde comecei a fumar e ingerir bebidas alcoólicas. Fui sentindo o gosto da “liberdade”. Minha mãe não tinha o que fazer, a não ser me aconselhar e tentar me mostrar que eu estava indo para um caminho sem volta, mas eu não ouvia. Foi então que acabei saindo da escola na 5º ano do Ensino Fundamental I e, dali para frente, me tornei um desocupado.

Deslumbrei-me com o mundo das facilidades. Cometia pequenos delitos para comprar cigarro, para poder sair aos finais de semana e curtir nas baladas com meus amigos. Não podia negar que era por conta da adrenalina também, isso me dava prazer e eu fazia para provar para mim e para os outros que era capaz. Quanta besteira! Aprofundei-me no crime e experimentei vários tipos de substâncias ilícitas, como maconha e cocaína, além de ganhar dinheiro com alguns delitos. A princípio eram pequenos, mas em um curto espaço de tempo se tornaram grandes furtos e até roubos à mão armada, e assim fazia para conseguir sustentar

meus vícios. Comecei a descontar todo o meu sentimento de rejeição e abandono na criminalidade, e decidi sozinho o rumo da minha vida, sem dar ouvidos a qualquer tipo de conselho sobre o que eu deveria ou não fazer.

Eu já não me preocupava mais com a opinião da minha mãe e da minha irmã, mas hoje sei que causei muita tristeza e dor para elas. Eu só queria desfrutar daquele momento, mesmo sabendo que estava fazendo da forma errada. Houve até uma tentativa da minha família de me arrumar um emprego, mas eu não me firmava em nada. Meu tio Carlos até me contratou para trabalhar em seu escritório de *office boy*, mas fiquei pouco tempo porque também só “dava mancada”. Eu estava decidido a aproveitar a vida da maneira que eu julgava melhor, e ali iniciava a narrativa de escolhas que me levariam para o buraco.

Escolhi trilhar o caminho das substâncias ilícitas e do crime que, como dito anteriormente, foram crescendo até que eu me tornasse um marginal. Tudo em nossa vida começa com pequenas atitudes. Há pessoas que são facilmente influenciadas pelo ambiente em que estão e pela convivência com pessoas que a cercam.

Eu senti isso na pele e me deixei contaminar, fui fortemente influenciado pelo ambiente da criminalidade, sem regras, eu estava assumindo o controle da minha vida naquele momento, ou melhor, eu estava permitindo que outras pessoas assumissem o controle dela.

Quando estamos machucados, ficamos vulneráveis e baixamos a guarda, somos facilmente golpeados e, por vezes, nocauteados por nossas emoções.

Abrimos nosso coração e nossa vida para pessoas que achamos ter a solução dos nossos problemas. Achamos que elas nos darão uma fórmula mágica para tratar a causa da nossa ferida; contudo, na maioria das vezes, a dor só aumenta, causando feridas ainda maiores. Somos traídos pelas nossas emoções, essa é a grande verdade... e agimos por impulso, sem analisar ou ao menos nos preocupar com as consequências, e quando nos damos conta, o estrago já está feito! Você já deve ter vivenciado algo semelhante.

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto. Quem poderá entendê-lo?” (Jeremias 17.9 - NAA).

Quantas vezes não somos enganados pelo nosso próprio coração? O coração é o centro do nosso ser. Por ele maquinamos o mal, guardamos sentimentos, mágoas, rancor e ressentimentos, por isso é importante pedir para Deus nos dar um novo coração, para sermos libertos de todo sentimento que nos aprisiona nesta cadeia, nos tornando escravos das nossas emoções.

Só Deus pode conceder a você um novo coração, e fazer que dele flua bondade, amor, perdão e paz para uma vida plena e abundante. Peça ao Senhor esse novo coração, e ele com certeza lhe dará.

“Eu lhes darei um novo coração e colocarei em vocês um novo espírito. Removerei seu coração de pedra e lhes darei coração de carne” (Ezequiel 36.26).